

**LENDAS GUARANI-CAIOUÁ:
ETHOS NA VARIAÇÃO ESCRITA
DE ESTUDANTES INDÍGENAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Marlene Balbuena de Oliveira Ortega (UEMS)

marlebaloli@yahoo.com.br

Miguel Eugenio Almeida (UEMS/UCG)

mealmeida_99@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise de ocorrências de variação na escrita de estudantes do 7º ano do ensino fundamental de etnia guarani-caiouá. A finalidade dessa análise é que, a partir da apreciação das lendas, tomadas da literatura oral desse grupo para o texto em língua portuguesa, se permita perceber na transcrição da oralidade para a escrita o processo de desenvolvimento linguístico desses patrícios. A metodologia corrente é por meio da análise de natureza fonético-fonológica do português, com observação dos aspectos ortográficos e diacrônicos, cujas referências são os estudos valiosos de Thaís Cristóforo Silva, Celso Pedro Luft e José Pereira da Silva, entre outros. Espera-se com este estudo que se confirme uma proposta investigativa das dificuldades de escrita do português desses educandos.

Palavras-chave: Lenda. Guarani. Caiouá. Kaiowá. Ensino fundamental.

1. Considerações iniciais

A escola é um espaço de relações humanas em que a língua se manifesta como elemento comunicativo basilar. Nela, grupos humanos mostram-se em suas particularidades; e, conseqüentemente, as variações da oralidade evidenciam-se. Essa constatação não foi diferente ao se observar a presença de estudantes indígenas de 7º ano do ensino fundamental em uma escola pública da cidade de Caarapó – MS. Os estudantes são oriundos da aldeia Tey'kuê, cuja *tekoha* – a localidade do guarani-caiouá – deixam por uma parte do dia para frequentar a escola da cidade. Para Brand (1997, *apud* NOAL, 2006, p. 109) *tekoha* é “o lugar onde se dá o modo de ser guarani-caiouá”; é o espaço comunitário que agrega a cultura que deseja manter.

Longe de revelar as causas pessoais da vinda desses estudantes para uma escola da cidade, os motivos mais comuns mencionados pelos presentes estudantes são as drogas, o alcoolismo, a mortalidade infantil, o suicídio, além das questões de demarcação das terras indígenas, que têm levado muitos jovens a deixarem, por um tempo do dia, suas comunida-

des, onde, aliás, há instituições de ensino com educação diferenciada para indígenas. Os problemas apontados sinalizam uma preocupação por parte das famílias indígenas em manter seus filhos longe dos vícios e da falta de perspectiva de vida já presentes entre parentes e, ao mesmo tempo, permitir que os estudantes conheçam melhor a realidade dos não indígenas para defender sua própria cultura. O ideal de preservação da identidade étnica está arraigado no discurso desses estudantes e revela o *ethos* guarani-caiouá, as suas próprias convicções e as reivindicações que almejam ser ouvidas pelos outros povos.

O conhecimento de todo esse contexto específico mostra uma faceta substancial da manifestação da identidade dos indígenas: a preservação do guarani ou tupi-guarani, como língua materna do grupo, em contraponto com o português, como segunda língua.

Todavia, a percepção linguística não se limita à oralidade, porque se mostram na escrita muitas variações que evocam a uma análise do processo de apropriação dessa segunda língua, tanto por influência dos falantes não indígenas quanto pelas próprias hipóteses que desenvolvem na assimilação do novo código. Segundo o filólogo,

Se uma comunidade é constrangida a falar outra língua diferente da sua, o contato dessas duas línguas provocará mudanças principalmente na segunda língua, devidas à exposição mais ou menos intensa a ela, implicando em uma aprendizagem com maior ou menor grau de proficiência. (SILVA, 2013, p. 142)

Conforme Cristóforo Silva (2013, p. 11): “falantes de uma segunda língua têm características de sua língua materna transpostas para a língua aprendida posteriormente.” Desse modo, é possível conjecturar sobre as articulações dos falantes guaranis que também falam o português podendo apresentar os traços da oralidade na escrita. É necessário levar em conta a existência de uma disparidade entre o código oral e o código escrito do português, como explica o linguista:

A simples enunciação do número dos fonemas do sistema vocálico e do sistema consonantal a par do número de letras que as representam evidencia falta de correspondência entre o código oral e o código escrito: 5 letras para as vogais fonológicas; 21 letras para as 19 consoantes fonológicas. (LUFT, 2013, p. 7)

Partindo do pressuposto de que a escola comum prioriza o ensino do português, classificando a língua portuguesa como disciplina obrigatória na grade curricular dos estudantes matriculados regularmente, cabe nesse estudo investigar as dificuldades ortográficas frequentes na escrita

do português desses estudantes, tendo como *corpus* da pesquisa os textos escritos por eles.

O gênero textual sugerido e já trabalhado por meio de leituras e de contações de histórias ao longo do ano foram as lendas, levando em conta o grupo específico e seu conhecimento do gênero na literatura oral da etnia. O procedimento da análise de natureza fonético/fonológica é a produção de registros das ocorrências de variação em uma das lendas produzidas, mencionando os metaplasmos.

Assim, distribuímos o desenvolvimento deste tema em duas partes: a primeira parte trata da exposição teórica dos metaplasmos, compreende os elementos da análise; e a segunda parte compreende a análise dos processos fonológicos em questão.

2. Metaplasmos

Os metaplasmos consistem em modificações fonéticas sofridas pelas palavras no processo evolutivo da língua, cujos instrumentos são os fonemas. Estes são modificados em razão de troca, acréscimo, supressão e por transposição ou acento tônico. Os metaplasmos dividem-se em:

2.1. Metaplasmos por permuta

Metaplasmos por permuta – que decorrem da substituição ou troca de um fonema pelo outro. Subdividem-se em:

- a) Sonorização: a troca de um fonema surdo pelo fonema sonoro por abrandamento. Ex.: cito > cedo, acutu > agudo.
- b) Consonantização: a vogal tornada em consoante. Ex.: ieiunu > jejum, uagare > vagar.
- c) Vocalização: é trocada uma consoante por vogal. Ex.: absentia > ausência, palpare > poupar.
- d) Assimilação: é a aproximação ou dois fonemas idênticos, que resultem da influência que ambos tenham sobre o outro. A assimilação será vocálica e consonantal, total e parcial, progressiva e regressiva:

Vocálica, se o fonema assimilado for uma vogal. Ex.: novacula > navalha, maor < maiore > maior.

Consonantal, se o fonema assimilado for uma consoante. Ex.: ver-lo > vello > vê-lo, ipse > isse > esse.

Total, quando for possível identificar o fonema assimilado com o assimilador. Ex.: per+lo > pello > pelo, adversu > avessu > avesso.

Parcial, se houver semelhança entre o fonema assimilado e o assimilador, não existe completa identidade. Ex.: comitê > conde, auru > ouro.

Progressiva, se o fonema assimilador estiver em primeiro lugar. Ex.: molinariu > mollairo > moleiro, salitre > salitre > salitre.

Regressiva se o fonema assimilador estiver depois. Ex.: reversu > revesso, ersa > essa.

Há também assimilação quando uma consoante exerce influência sobre uma vogal. Ex.: vipera > víbora, regina > rainha.

- e) Dissimilação: ocorre quando um fonema se diversifica ou ‘cai’ porque há outro fonema igual ou semelhante na palavra. Ex.: formosu > formoso, aratru > arado. A dissimilação pode ser:

Consonantal, se o fonema que se dissimila for uma consoante. Ex.: raru > ralo, anima > alma.

Vocálica, se o fonema que se dissimila for uma vogal. Ex.: potio-nea > peçonha, valeroso > valoroso.

Regressiva, se o fonema dissimilado estiver antes do dissimilador. Ex.: quinque > cinque > cinco, nivel < libellu > nível.

Progressiva, se o fonema que se dissimila estiver depois do dissimilador. Ex.: prora > proa, rostru > rosto.

- f) Nasalação – refere-se à conversão de um fonema oral em nasal. No caso a nasalação se dá pela nasal anterior. Ex.: mi > mihi > mim, mulgere > monger > mungir.
- g) Desnasalação – o fonema, antes nasal, torna-se oral. Ex.: corona > coroa, luna > lua.
- h) Metafonia é a modificação de som ou de timbre de uma vogal, que resulta da influência que exerce sobre a vogal ou semivogal. Ex.: decima > dízima, dormio > durmo.

- i) Apofonia é a modificação sofrida pela vogal da sílaba inicial de uma palavra, quando fundida a um prefixo. Ex.: per+factu > perfectu > perfeito, ad+cantu > accentu > acento.

2.2. Metaplasmos por aumento

Metaplasmos por aumento são os que acrescentam fonemas à palavra. São classificados em:

- a) Prótese – adição de som no começo do vocábulo. Ex.: abuitre > abutre, stare > estar.
- b) Epêntese – acréscimo de fonema no interior da palavra. Ex.: pignera > pendra > prenda, stare > estar.
- c) Paragoge – acréscimo de fonema no final do vocábulo. Ex.: ante > antes, animal > animale.
- d) Anaptixe ou suarabácti – desfaz-se um grupo de consoante pela intercalação de uma vogal. Ex.: bratta (<blatta) > barata.

2.3. Metaplasmos por supressão

Metaplasmos por supressão são os que apagam ou diminuem fonemas à palavra. Subdividem-se em:

- a) Apócope – é o apagamento do fonema no fim do vocábulo. Ex.: mense > mês, amare > amar.
- b) Síncope – refere-se à queda de fonema no interior do vocábulo. Ex.: opera > obra, mediu > meio.
- c) Elisão – consiste na queda da vogal final de uma palavra, quando a seguinte se inicia por vogal. Ex.: de+ex+de > desde, de+aquele > daquele.
- d) Crase – a fusão de dois sons vocálicos contíguos. Ex.: avoc < aviolu > avô, door < dolore > dor.
- e) Aférese – trata-se da queda de fonema no início da palavra. Ex.: episcopu > bispo, insânia > sanha.
- f) Haplologia – é a queda de uma sílaba medial, por existir outra semelhante ou quase igual na mesma palavra. Ex.: vendeda <

vendita > venda, idololatria > idolatria.

2.4. Metaplasmos por transposição

Metaplasmos por transposição referem-se ao deslocamento de fonema ou de acento tônico da palavra. São exemplos do tipo:

- a) Metátese – há transposição de fonema verificada na mesma sílaba ou entre sílabas. Ex.: pigritia > pregricha (arc.) > preguiça, primariu > primairo > primeiro.
- b) Diástole – há deslocamento de acento tônico de uma sílaba para a posterior. Ex.: muliére > mulher, gémitu > gemido.
- c) Sístole – há transposição de acento tônico de uma sílaba para a antecedente. Ex.: éramus > éramos, patáno > pântano.

Não denominados como metaplasmos, mas apontados como fenômenos fonológicos de igual importância e que merecem ser mencionados, entre outros fenômenos, estão o alçamento e o abaixamento.

O fenômeno fonológico que envolve a elevação da propriedade de altura da língua das vogais médias – altas [e] e [o] que se realizam como vogais altas [i] e [u] é o alçamento, que ocorre em posição postônica, como em *novelo* [ˈnovelɔ], em que a vogal átona final manifesta-se como vogal alta. O fenômeno também pode ocorrer em posição pretônica, como em *bonito* [buˈnito], em que há uma vogal alta em posição pretônica.

O fenômeno fonológico é denominado abaixamento em razão da posição da língua na articulação de uma vogal, ou seja, há o abaixamento da propriedade de altura segmentos vocálicos, perde-se o traço [+alto] nas vogais, como na forma infinitiva do verbo *qu[e]r[e]r* que traz vogais médias-altas ou médias-fechadas. No verbo flexionado, como *qu[ɛ]ro*, a vogal da raiz se manifesta como uma vogal média-baixa ou média-aberta ocasionando o fenômeno em questão.

3. Análise das ocorrências de variação

Selecionamos para essa análise um dos textos produzidos pelos estudantes indígenas. A narrativa da literatura oral *A Lenda da Noite*, de acordo com a produção escrita selecionada, segue com a seguinte transcrição:

A Lenda da Noite (texto transcrito)

Nos tempo antigo quando não existia a noite é da serpente tinha uma filha e a filha da serpente se caso e, ela pidio para a mãe dela. pegou um coco e elas levou pos índios e au anoitecer eles ouviro um barulio de grilo e sapo eles ficaro e muito curiosos, abriu o coco e a escoridão suigio. ai ela criou um pasaro para aviza quando xega a maonha e a tarde e separano o dia da noite.

Como retorno da análise, os estudantes foram avisados de que o texto passaria por uma reescrita coletiva e finalmente todos os textos voltariam aos estudantes para uma reescrita individual. Abaixo, apresentamos o registro das ocorrências:

- tempos ~ tempoØ – apócope do sibilante /s/;
- antigos ~ antigoØ – idem;
- separando ~ separanoØ – síncope do fonema /d/;
- era ~ éroØ – síncope de /r/ e apócope de /a/;
- filha ~ filia – troca do fonema palatal /ʎ/ pelo fonema lateral /l/;
- barulho ~ barulio – idem;
- casou ~ casoØ – apócope da vogal final;
- pediu ~ pidio – alçamento da vogal média anterior pretônica e vocalização pelo abaixamento do glide /w/;
- surgiu ~ suigio – síncope do fonema rótico /r/ e vocalização pelo abaixamento do glide /w/;
- escuridão ~ escoridão – abaixamento da vogal alta posterior pretônica;
- curiosos ~ coriosos – idem;
- dentro ~ drento – hipértese do fonema /r/;
- levaram ~ levou – troca da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito pela 3ª pessoa do singular desse tempo e modo;
- abriram ~ abriu – idem;
- para os ~ pØØØos – síncope da vogal e apócope da sílaba -ra com elisão do termo seguinte;

- ouviram ~ ouviro – alçamento da vogal baixa postônica;
- ficaram ~ ficaro – idem;
- manhã ~ maonha – epêntese de /w/ com ocorrência de ditongação.

Foram contados ao todo 18 vocábulos para essa análise. Em seguida, foram contados os metaplasmos e outras ocorrências apontadas e dispostas nos percentuais apresentados no quadro seguinte:

Metaplasmos e outras ocorrências	Nº de ocorrências	Percentual
Apócope	3	13,04%
Síncope	4	17,39%
Elisão	1	4,34%
Epêntese	1	4,34%
Hipêntese	1	4,34%
Alçamento vocálico	3	13,04%
Abaixamento vocálico	4	17,39%
Vocalização	1	4,34%
Ditongação	1	4,34%
Troca fonêmica	2	8,69%
Troca verbal	2	8,69%
Total das ocorrências	23	100%

A análise do registro de ocorrências leva a perceber, entre outros dados presentes, o número maior de síncopes, de apóopes e de alçamento e abaixamento das vogais. É notada a frequência de apagamento ou supressão da sibilante /s/ em substantivos, como em ‘tempos’ escrito ‘tempo’ e da síncope do fonema /d/ do gerúndio ‘separando’ escrito ‘separano’, ocorrências comuns entre falantes não indígenas.

A troca ocorrente em verbos no tempo presente, como em ‘casou’ escrito ‘caso’, são comuns também entre não indígenas. Mas nos casos de conjugação de verbos que deveriam permanecer no singular ou estar em um tempo verbal pretérito – como em ‘era’ trocado por ‘é’, ou ir para o plural, como em ‘abriram’, com verbo trocado por ‘abriu’ – torna-se a escrita um trabalho um tanto quanto complexo e demonstra a falta de domínio das terminações ao se recorrer à oralidade para tentar conjugar, singularizar ou pluralizar os verbos.

A experiência de acesso a textos de estudantes indígenas leva a algumas constatações: começam primeiro a escrever os verbos sempre no singular porque, afinal, ouviram deles dessa maneira, depois passam a compreender que os verbos também vão para o plural, mas como não sa-

bem ainda como, recorrer à oralidade ou apelar para o uso do -s no final das palavras seriam maneiras de expressar a forma mais comum do plural. Somente quando começam a entender a desinência adequada é que podem escrever com conhecimento do sistema da escrita e domínio da ortografia.

Fica evidente também a insistência no abaixamento vocálico, como em ‘curiosos’, escrito ‘coriosos’, e em ‘escuridão’, escrito ‘escoridão’. Curiosa também é a epêntese na palavra ‘manhã’ escrita ‘maonha’, cujo ‘o’ adicionado se pronuncia como o fonema /w/ ocasionando a ditongação. Também se repete e é comum a troca fonêmica, como em ‘barulho’, escrito ‘baruio’.

Com os dados expostos, é possível constatar que o estudante que escreveu o texto analisado desenvolveu um vocabulário próprio, com ocorrências que apontam suas dificuldades ortográficas e de compreensão do sistema da escrita do português que são, ao mesmo tempo, específicas e comuns a falantes indígenas e a não indígenas.

4. Considerações finais

A análise das ocorrências de variação oportunizou uma melhor sistematização da revisão ortográfica dos textos, bem como sua reestruturação para que, da produção da narrativa, houvesse o registro escrito das lendas da literatura oral dos caiouás.

Outra contribuição da pesquisa em circunstância está no reconhecimento das hipóteses da escrita do português desenvolvidas pelos estudantes indígenas. É interessante reparar que para chegar à escrita padrão das palavras vai se passando por um processo de assimilação das regras ortográficas.

Em outras palavras, a experiência oportunizou o reconhecimento fonético/fonológico das ocorrências. Esse tipo de conhecimento é uma ferramenta fundamental para o trabalho de intervenção do professor no processo aquisitivo linguístico e pode tornar o ensino da língua mais produtivo e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 4. ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958

LUFT, Celso Pedro. *Novo guia ortográfico*. 3. ed. reorg., rev. e atual. São Paulo: Globo, 2013.

NOAL, Miriam Lange. *As crianças guarani/caiouá: o mitã reko na aldeia Pirakuá (MS)*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SILVA, José Pereira da. Gramática histórica e mudança linguística no português brasileiro. Rio de Janeiro: CIFEFIL, *Cadernos do CNLF*, vol. XVII, n. 03 – Minicursos e Oficinas, 2013.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.